

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Graduação em Ciências Sociais / Graduação em História
Tópicos Especiais em Antropologia IV / Tópicos Especiais em História XXVIII

História e Antropologia do Estado Africano

Professor responsável: Omar Ribeiro Thomaz

Horário: sexta-feira / 19:10 – 22:45

Bolsista PAD: Diego Nespolon Bertazzoli

Conteúdo geral do curso

A especificidade da formação Estatal na África foi objeto, entre o final dos anos 1980 e o início do século XXI, de análises que, como as de Mahmood Mamdani, Jean François Bayart, Patrick Chabal e Jean-Pascal Daloz, procuraram superar limitações que insistiam em ver a conformação estatal pós-colonial como incompleta, exógena e fadada ao fracasso. O propósito destes autores era o de compreender a formação estatal africana em sua singularidade histórica, abdicando de constantes analogias com determinados Estados europeus e escapando de uma vez por todas do paradigma evolucionista que, tão criticado pela antropologia, parecia predominar em outros domínios das ciências sociais, com destaque para uma ciência política de perfil normativo.

Mahmood Mamdani foi, talvez, quem mais ousou, ao ter como proposta a construção histórica de um modelo geral e autônomo para a compreensão da formação estatal no continente africano. Após este esforço, foi o próprio autor que procurou testar a viabilidade de seu modelo em contextos específicos e conflitantes, tais como os do genocídio em Ruanda e da guerra em Darfur. Não se tratava, em nenhum dos casos, de revelar o fracasso do Estado ou sua inexistência, mas de compreender o genocídio e a guerra tendo em conta a especificidade de sua formação no continente africano e um conjunto de imperativos históricos que não fazem do Estado uma força ausente, antes uma das forças da contenda, e uma força central. Em outras palavras, e tomando o caso de Darfur como exemplo, não é a falta ou a fraqueza do Estado que explica a guerra que vitimou esta região nas últimas décadas, mas antes o sucesso de uma construção estatal no Sudão do Sul a fazer frente à centralidade de Kartum. Da mesma forma, não é a ausência de Estado que dá sentido ao genocídio em Ruanda: o desafio é o de compreender a gênese de um Estado genocidário na região dos grandes lagos africanos.

Superar o evolucionismo implica em ver na África contemporânea o Estado da mesma forma que alhures: ninguém explica a máquina mortífera que se cria na Alemanha entre 1933 e 1945 a partir de noções como as de ausência, fracasso ou fraqueza. É o Estado alemão, suas instituições assassinas e a indústria de pilhagem que promoveu que tem sido o foco da atenção dos historiadores.

Outro autor inspirador é, sem dúvida alguma, o antropólogo e historiador haitiano Michel-Rolph Trouillot, que, ao tentar compreender a natureza da ditadura que marcou o Haiti entre 1957 e 1986 – o duvalierismo – nos revela a singularidade da formação estatal haitiana e o conflito fundacional existente entre camponeses e grupos que criam e se aparam a um aparato de Estado predador. O duvalierismo não seria uma aberração, far-se-ia presente antes e depois do próprio Duvalier, na medida em que seus elementos centrais são gerados no processo de fundação e formação do Haiti ao longo do século XIX e se reproduzem em

momentos de grandes transformações, como os da ocupação americana entre 1915 e 1934. Se pilhagem e desmontagem do Estado houve, é porque havia Estado. E mesmo nos dias que correm: ignorar o Estado haitiano constitui, talvez, um dos grandes equívocos daqueles que pretendem atuar neste país, onde o Estado se faz presente de formas inusitadas no dia a dia e, sobretudo, na cabeça de haitianos e haitianas, na forma de suspeita, memória ou demanda.

*

A proposta desta disciplina não se restringe a uma aproximação à história, ao funcionamento e ao sentido do Estado ao longo da geografia africana. Procuraremos debater o conflito e a guerra tendo como desafio a compreensão da sobreposição de interpretações em torno da guerra. Um autor pioneiro foi, sem sombra dúvida, o antropólogo Christian Geffray quando tratou de explicar as causas da guerra civil que afligiu Moçambique entre 1977 e 1992. Na altura, Geffray se opôs à versão dominante de que a guerra em Moçambique seria fundamentalmente fruto da agressão promovida pelos regimes de minoria branca, inicialmente a Rodésia de Ian Smith, e depois a África do Sul do apartheid. As raízes da guerra para Geffray estariam na relação estabelecida entre o Estado revolucionário da Frelimo e as populações camponesas tradicionalmente marginais ao próprio aparato de Estado. Longe de promover uma ruptura radical com o Estado colonial, a Frelimo consolidou e aprofundou a marginalização da qual secularmente eram vítimas as populações tradicionais. Como trabalhar com a singularidade da formação do Estado africano, entre o colonial e o pós-colonial? Esta pergunta nos acompanhará ao longo de todo o curso.

No que diz respeito aos conflitos pós-coloniais, o desafio é justamente o de articular as distintas interpretações da guerra: na base os camponeses, diretamente afetados pela guerra como soldados ou como vítimas de assassinatos, pilhagens, seqüestros, etc.; entre os camponeses e as grandes organizações internacionais no país, encontramos elites locais, regionais e nacionais, instaladas no aparato de Estado, e que oferecem suas interpretações do conflito e da guerra.

Nosso movimento se aproxima, enfim, daquele promovido pelo antropólogo Günther Schlee para os países que compõem parte da África Oriental, em particular para a conflitante região da Somália. Dialogando com os autores que se dedicaram ao estudo etnicidade e dos conflitos religiosos, Schlee propõe uma aproximação dinâmica aos conflitos em curso no corno da África, onde a questão ambiental, a escassez de recursos e a guerra da água desempenham um papel central e se combinam com os sentidos locais da guerra (conflitos étnicos, fusão e cisão de linhagens, etc.), com aqueles que orientam a ação de lideranças políticas de maior ou menor projeção no cenário internacional e, por fim, com os que prevalecem na atuação das grandes organizações internacionais.

*

Do ponto de vista antropológico, aproximar-nos-emos da noção de Estado da mesma forma que os antropólogos modernos se aproximaram da noção de família. A compreensão da família australiana ou dos complexos sistemas de parentesco da Alta Birmânia ou da África subsaariana exigiu uma crítica contundente ao evolucionismo implícito na idéia da família ideal como aquele núcleo próximo ao mínimo necessário para a reprodução biológica da espécie, sendo que tudo o que dele se distanciasse seria retrato de estágios anteriores da evolução humana, ou mesmo algo próximo à confusão ou à falta de família, à promiscuidade. No que diz respeito quer aos sistemas políticos dos povos exóticos, quer aos Estados pós-coloniais, a esfera do político seguiu sendo caracterizada em grande medida ora pela ausência, ora pelo fracasso suposto na cópia de um modelo externo. Nosso objetivo aqui é o de enfrentar o Estado africano tal e como ele é, quer do ponto de vista das suas instituições, quer do ponto de vista do que supõe em termos da experiência concreta dos indivíduos – que ora dialogam, ora suspeitam, ora desejam, ora resistem ao Estado.

O sucesso desta empreitada exige um esforço historiográfico. A autonomia histórica da construção do Estado na África subsaariana se transforma num imperativo descritivo e analítico. Não se trata de imaginarmos os supostos desastres políticos contemporâneos

africanos como resultado da imposição de um modelo estatal exógeno, de uma diversidade étnica e lingüística perturbadora de uma ordem que deveria ser homogênea, ou da existência de fronteiras arbitrárias. Afinal, onde o monstro não foi historicamente “imposto”? Há algum contexto efetivamente homogêneo, ou que *sempre* o tenha sido? Existem fronteiras políticas *naturais* que não sejam fruto do arbítrio dos homens? Se queremos efetivamente compreender o *desastre* (se é que podemos classificar a realidade africana desta perspectiva) temos que fugir da idéia da existência de um Estado-medida, do qual as distintas realidades estatais estariam próximas ou distantes.

A formação do Estado africano da perspectiva de sua autonomia histórica, e sua realidade no dia a dia de africanos e africanas, demanda esforços de níveis diferenciados. Enfrentaremos as distintas experiências históricas por referência ao cruzamento dos seguintes vetores: (a) as realidades pré-coloniais (se os europeus se encontraram ou não com realidades estatais anteriores, como o caso dos Estados conquista das Áfricas central e austral; a relevância do tráfico de escravos interno e externo, etc.); (b) as expansões coloniais européias (se estamos diante dos impérios britânico, francês, português, belga, italiano ou espanhol); (c) o tipo de Estado colonial (se protetorado ou colônia, com maior ou menor presença de colonos europeus, as formas de trabalho compulsório, os regimes de espoliação e exploração da terra, etc.) e); (d) os mecanismos administrativos locais (a maior ou menor importância das lideranças nativas na efetivação do aparato administrativo); (e) (f) os processos que presidiram as independências (negociações com a potência colonizadora ou guerras de libertação).

Dinâmica do curso

As aulas serão expositivas, mas há a expectativa da participação efetiva dos alunos. Parte da bibliografia do curso será em inglês e em castelhano, e o professor fará uso de referências a bibliografia em francês. Consideramos que os alunos são fluentes na leitura em castelhano, mas somos conscientes de que parte dos estudantes tem dificuldade com a língua inglesa. Demandamos, assim, um certo esforço dos estudantes na leitura da bibliografia em inglês. Aqueles que têm maior dificuldade não devem abdicar do esforço de leitura, e sim aproveitar esta oportunidade para superá-la. Grupos de discussão reunindo alunos com maior ou menor dificuldade com a língua inglesa são altamente recomendados.

Contaremos com um bolsista PAD que desempenhará um papel central na dinâmica do curso. Ao bolsista PAD caberá garantir a disponibilidade dos textos, mas não só: ao longo do curso ele deverá ter um certo protagonismo no sentido de animar a discussão em sala de aula e auxiliar seus colegas. O bolsista PAD também auxiliará no uso de recursos audiovisuais, sobretudo no que diz respeito aos filmes projetados e aos mapas que serão selecionados a partir das mapotecas disponíveis *on line*.

Sobre os filmes

Serão projetados quatro filmes ao longo do curso, e outros serão sugeridos e devem ser vistos fora do horário do curso. Para cada um dos filmes projetado na sala de aula, os alunos deverão elaborar um comentário que terá como propósito discutir algum dos pontos discutidos no curso. O comentário deverá ser escrito em uma semana.

Avaliação

Os alunos deverão se dividir em grupos para elaborar um trabalho de fim de curso sobre a independência do Sudão do Sul. O trabalho será realizado tendo como referência a profusão de artigos analíticos e jornalísticos, bem como a partir de algumas obras de referência.

Temas dos grupos:

1. O Mahdismo, pacificação e ocupação

2. O formação do Sudão anglo-egípcio
3. A independência do Sudão e a consolidação do Estado;
4. A história da guerra entre o norte e o sul;
5. O lugar da religião na guerra;
6. Questões ambientais;
7. A disputa por riquezas;
8. A questão nacional;
9. A comunidade internacional e a indústria da ajuda.

O resultado deve ser um conjunto de ensaios. Dependendo de sua qualidade, a proposta é publicá-lo.

A nota máxima do ensaio será “5”. Para cada um dos filmes, os alunos deverão apresentar um pequeno texto reflexivo. Cada texto valerá um ponto no final. Por fim, cabe ao professor atribuir um ponto a mais aos alunos em função de sua participação em sala de aula.

12/08 – 1ª. Aula: Apresentação do programa do curso, discussão sobre sua dinâmica e sobre a avaliação. Breve discussão sobre fontes e métodos para o estudo das realidades africanas contemporâneas.

19/08 – 2ª. aula: A formação do Estado africano e sua autonomia histórica I

Mahmood Mamdani. *Ciudadano y súbdito. África contemporânea y El legado del colonialismo tardío*. México: Siglo Veintiuno Editores, 1998. (5 – 40)

26/08 – 3ª. aula: A formação do Estado africano e sua autonomia histórica II

Patrick Chabal y Jean-Pascal Daloz. *África camina. El desorden como instrumento político*. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2001. (29 – 84)

Jean François Bayart. *El estado en África*. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2000. (81 – 150)

02/09 – 4ª. Aula: Protetorados: Uganda e Ruanda

Gardner Thompson. *Governing Uganda: British Colonial Rule and its Legacy*. Kampala: Fountain Publishers, 2003. (1 – 67)

Mahmood Mamdani. *When Victims Become Killers: Colonialism, Nativism and the Genocide in Rwanda*. Princeton: Princeton University Press, 2002.

Mahmood Mamdani. *Politics and Class Formation in Uganda*. Kampala: Fountain Publishers, 2001.

Jean-Pierre Chretien. *L'Afrique des grands lacs - Deux Mille Ans d'histoire*. Paris : Aubier, 2000.

09/09 – 5ª. Aula: Filme

Vénus Noire (159 minutos, 2010, França / Itália / Bélgica)

Direção: Abdellatif Kechiche

16/09 – 6ª. Aula: Impérios e colônias: britânicos e bóeres

H. L. Wesseling. *Dividir para dominar: a partilha da África 1880 – 1914*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / Editora Revan, 1998. (289 – 364)

Van Wyk Smith, M.: “The Boers and the Anglo-Boer War (1899-1902) in the twentieth-century moral imaginary” in *Victorian Literature and Culture*, 31 (2), 2003 (pp. 429-446).

23/09 – 7ª. Aula: Estado colonial e violência: campos de concentração (África do Sul, Namíbia e Quênia)

S. B. Spies. *Methods of Barbarism? Roberts, Kitchener and Civilians in the Boer Republics: January 1990 – May 1902*. Johannesburg: Jonathan Ball Publishers, 2001.

Jon Bridgeman & Leslie J. Worley: "Genocide of the Héréro" in Samuel Totten, Willian Parsons, Israël Charny. *Century of Genocide, Eyewitness Accounts and Critical Views*. Nova York: Garland Publishing Inc., 1997.

Helmut Bley. *South West Africa under German Rule*. Londres: Heinemann, 1971.

Caroline Elkins. *Imperial Reckoning. The Untold Story of Britain's Gulag in Kenya*. Nova York: Henry Holt, 2005.

30/09 – 8ª. Aula: A Nação que não pode ser: Propostas de assimilação durante o debate constitucional sul-africano, 1908-1909.

ADHIKARI, M. "The product of civilization in its most repellent manifestation': Ambiguities in the Racial Perceptions of the APO (African Political Organization), 1909-1923." IN: *The Journal of African History*, Vol. 38, No. 2 (1997).

BICKFORD-SMITH, V. "South African Urban History, Racial Segregation and the Unique Case of Cape Town?" IN: *Journal of Southern African Studies*, Vol. 21, No. 1, Special Issue: Urban Studies and Urban Change in Southern Africa (Mar., 1995).

GILIOMEE, H. "The Non-Racial Franchise and Afrikaner and Coloured Identities, 1910-1994" IN: *African Affairs*, Vol. 94, No. 375 (Apr., 1995).

07/10 – 9ª. Aula: Impérios e colônias: a formação de Moçambique e o pensamento nacionalista

José Luís Cabaço. *Moçambique: identidade, colonialismo e libertação*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

Teresa Cruz e Silva. *Igrejas protestantes e consciência política no sul de Moçambique: o caso da missão suíça (1930 – 1974)*. Maputo: Promédia, 2001.

Aurélio Rocha. *Associativismo e Nativismo em Moçambique: Contribuição para o Estudo das Origens do Nacionalismo Moçambicano (1900-1940)*. Maputo: Promédia, 2002.

14/10 – 10ª. Aula: Filme

White Material (106 minutos, França/Camarões, 2009)

Direção: Claire Denis

21/10 – 11ª. Aula: Estados de minoria branca: o apartheid na África do Sul

Saul Dubow & William Beinart (org.). *Segregation and Apartheid in Twentieth-Century South Africa*. London/New York: Routledge, 1995.

28/10 – 12ª. Aula: Filme

Shooting Dogs (115 minutos, Grã-Bretanha / Alemanha, 2005)

Direção: Michael Caton-Jones

Hotel Rwanda (120 minutos, Reino Unido / Itália / África do Sul / Estados Unidos, 2004)

Direção: Terry George

04/11 – 13ª. Aula: Estados de minoria branca: da Rodésia ao Zimbábue

Terence Ranger. *Peasant Consciousness and the Guerrilla War in Zimbabwe*. Harare: Zimbabwe Publishing House, 1985

Terence Ranger. *Are We Not Also Men? The Samkange Family & African Politics in Zimbabwe 1920 – 64*. Harare: Baobab, 1995.

11/11 – 14ª. Aula: O Estado nacional e a guerra: a guerra civil em Moçambique

Willian Mintter. *Os contras do apatheid: as raízes da guerra em Angola e Moçambique*. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique, 1998.

Christian Geffray. *A causa das armas*. Porto: Afrontamento, 1990.

Michel Cahen. *Mozambique: la révolution implosée*. Paris: L'Harmattan, 1987.

18/11 – 15ª. Aula: O Estado nacional e o genocídio: Ruanda

Mahmood Mamdani. *When Victims Become Killers: Colonialism, Nativism and the Genocide in Rwanda*. Princeton: Princeton University Press, 2002.

Philip Gourevitch. *Gostaríamos de informá-lo de que amanhã seremos mortos com nossas famílias*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

Jean Hatzfeld. *Temporada de facões*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

Human Rights Watch / Fédération Internationale des Ligues des Droits de L'Homme (org.). *Aucun témoin ne doit survivre: le genocide au Rwanda*. Paris: Karthala, 1999.

Raymond Verdier, Emmanuel Decaux, Jean-Pierre Chrétien (Ed.). *Rwanda: un genocide du XXe. siècle*. Paris: L'Harmattan, 1995

25/11 – 16ª. Aula: Conclusão do curso. Entrega dos trabalhos.

Filmes que devem ser vistos ao longo do curso fora da sala de aula:

District 9 (112 minutos, África do Sul, 2009)

Direção: Neill Blomkamp

La battaglia di Algeri (121 minutos, Itália / Argélia, 1965)

Direção: Gillo Pontecorvo

Zulu (139 minutos, Reino Unido, 1964)

Direção: Cy Endfield

Khartoum (134 minutos, Reino Unido, 1966)

Direção: Basil Dearden / Eliot Elisofon

Bibliografia sobre o Sudão

Mahmood Mamdani. *Saviors and Survivors: Darfur, Politics, and the War on Terror*. Kindle Edition, 2009.

Patricia Santos Schermann. *Guerra e Escravidão: cristãos e muçulmanos face à Mahdiyya no Sudão (1881-1898)*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, tese de doutoramento, 2005.

Richard Cockett. *Sudan: Darfur, Islamism and the World*. Yale University Press, 2010.

LB Lokosang. *South Sudan: The Case for Independence & Learning from Mistakes*. Xlibris, 2010.